



# ariús

Revista de Ciências Humanas e Artes

ISSN 0103-9253 versão impressa – ISSN 2236-7101 versão online

**OPTCHA! CIGANOS, BEIJA FLOR, GLOBO E NILÓPOLIS  
– DEBATE SOBRE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE, ETNIA, CULTURA E RELIGIÃO  
NA TENDA CIGANA TZARA RAMIREZ (RJ)**

---

Cleiton Machado Maia<sup>1</sup>

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

## **RESUMO**

O objeto desse trabalho é a Tenda Cigana Espiritualista Tzara Ramirez em Nova Iguaçu – Baixada Fluminense (RJ), onde um grupo de médiuns realiza trabalhos quinzenalmente; com o propósito de ajudar pacientes vindos à região com diferentes problemas e necessidades. Desde sua fundação, os médiuns dessa tenda, apesar de pertencimento duplo em diversos segmentos religiosos, só incorporam nesse local entidades/espíritos de ciganos para desenvolver seus rituais e performances. Em minha primeira visita ao campo pude perceber a presença de ciganos de sangue e ciganos de espiritualidade, mas até então não era meu foco no campo. Minha observação tinha sido os rituais e símbolos, observando dentro do espaço ritualístico como marcadores sociais e subjetividades perpassam e influenciam o grupo religioso

---

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, PPCIS/UERJ. E-mail: profmachadomaia@hotmail.com

observado, assim como sua convivência e ritualidades, mas alguns momentos se tornaram de grande importância para repensar e questionar meu foco de observação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ciganos. Religiosidade. Identidade. Cultura. Etnia

## **OPTCHA! GYPSIES, BEIJA FLOR, GLOBO AND NILÓPOLIS**

**– DEBATE ON IDENTITY, ETHNICITY, CULTURE AND RELIGION CONSTRUCTION**

**AT THE TZARA RAMIREZ GYPSY TENT**

---

### **ABSTRACT**

The subject of this paper is the Tzara Ramirez Gypsy Spiritualistic Tent in Nova Iguaçu – Baixada Fluminense, where a group of psychics carry out biweekly proceedings, with the intent of helping patients that come to the region with different problems and needs. Since its foundation, the psychics in this tent, despite having diverse religious segments, only incorporate entities/spirits of gypsies to develop their rituals and performances on this site. On my first visit to the field I could perceive the difference between the blood born and the spirituality gypsies, but until then it was not my focus on field. My observation had been the rituals and symbols, observing within the ritualistic space how social markers and subjectivities pervade and influence the observed religious group, as well as its interactions and “ritualities”, but some moments became of great importance to rethink and question my observation focus.

**KEY WORDS:** Gypsies. Religiousness. Identity. Culture. Ethnicity

### **Um convite no lanchinho**

Na noite do dia 18/10/2012 estava preparando um lanche quando o meu celular tocou e fui surpreendido por uma voz corrida e com informações confusas,

mas que, extremamente feliz, me fez um convite. Era a Cigana Arimar Ramirez<sup>2</sup>, uma das principais informantes na pesquisa desenvolvida na Tenda Espiritualista Tzara Ramirez, e que lembrara de mim nos últimos momentos em que redigia a lista de um ônibus que sairia da Tenda para a escola de samba Beija-Flor naquela noite, por convite de um dos sambistas da escola. No primeiro momento não consegui entender muito bem o que estava acontecendo, mas contagiado pela felicidade de minha informante por estar indo para tal evento, com todos os membros da Tzara e ser o único não médium, me fez aceitar sem pestanejar, inclusive sem pensar sobre a única exigência feita pela minha informante e uma das líderes do grupo: "*Tem que ir vestido de cigano*".

Assim que desliguei o celular tentei me concentrar, comer meu lanche, e pensar sobre o que estava acontecendo. Menos de uma semana antes tinha participado de uma atividade na Tenda, em que durante dois dias ajudei a organizar, arrumar e comemorar com eles a sua principal festividade do ano, comemorando no dia 12 de outubro, a festa de Nossa Senhora e Santa Sara de Kali, e até então nada tinha sido falado de Beija-Flor, convite da Beija-Flor ou carnaval. Imediatamente comecei a ligar para meus contatos na Tenda, buscando entender o que tinha acontecido e do que se tratava de uma maneira geral. Após alguns telefonemas descobri o que em meio à euforia e felicidade minha informante não conseguiu dizer. Durante a semana algumas das médiuns da Tenda tinham sido procuradas em seus estúdios de dança cigana por membros da G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis<sup>3</sup> para comparecer na noite da final da escolha do samba do carnaval e participar dançando, como ciganas, o samba deles. Ambas as professoras de dança apresentaram a Tzara Ramirez e disseram que conseguiriam formar uma grande ala de ciganos, mas

---

<sup>2</sup> Todos os nomes usados neste trabalho são os nomes ciganos de batismo recebidos pelos médiuns após efetivação de sua relação com a Tenda. Optei por não usar seus nomes civis, já que com essa opção os resguardos, sendo seus nomes ciganos usados somente lá dentro ou entre os médiuns em ocasiões especiais, como no caso da Beija Flor.

<sup>3</sup>Grêmio Recreativo e Escola de Samba Beija Flor de Nilópolis - <http://www.beija-flor.com.br>

dependeria do apoio que a escola ofereceria e a aceitação de Juan, liderança da Tzara, e sua *espiritualidade*<sup>4</sup>.

Logo que Juan Ramirez e Arimar foram apresentados aos representantes da Beija-Flor, pelas professoras e médiuns da Tzara, explicaram quais eram e suas condições para participar do evento. Durante a primeira conversa, encontraram conhecidos em comum: a Tzara Ramirez é bem conhecida na Baixada Fluminense (Nova Iguaçu e Nilópolis, Mesquita e municípios vizinhos), por pessoas ligadas às áreas de política, artes, cultura, dança e religiões afro-mediúnicas, mas esse "*conhecimento*" explicarei mais adiante. O primeiro convite era somente para a noite de escolha do samba enredo. Conforme fosse aquela noite seriam apresentados às lideranças de coreografias, alas e o carnavalesco da escola: Layla.

Após entender o que verdadeiramente estava acontecendo, e que convite tinha aceitado, liguei com certo desespero e desconforto para Arimar; já que ter de me vestir de cigano não saía da minha cabeça e, de certa maneira, ecoava e martelava nela "*tem que ir vestido de cigano*"; e pedir maiores explicações para entender como me posicionar. Arimar me explicou que se lembraram de mim por eu ter trabalhado muito na festa de Santa Sara de Kali, ter ficado o ano todo nos rituais e "*principalmente*" por minhas fotografias. E fez questão de falar: "*quanto à roupa, não se preocupa não, a gente já separou uma blusa, um lenço e cinto para você – só vai de calça jeans e tênis, não se esqueça da câmera. Te espero lá às 22h30min horas; me liga e te encontro em frente ao portão principal*". Não sei se ela desligou rápido ou meu raciocínio congelou quando disseram que já tinham minha roupa separada, mas o importante é que nem deu tempo de eu responder.

Já eram quase 21 horas e eu tinha de decidir se iria ou não, calculando o deslocamento. Durante o banho, escolha de roupa e a ida a garagem mudei de ideia várias vezes e tive de ligar para alguns amigos antropólogos, familiares antropólogos

---

<sup>4</sup> Desde o primeiro momento os adeptos da Tzara Ramirez apresentaram seu envolvimento com o mundo cigano.

e professores para me encorajar. Em sua maioria riam muito antes, mas depois destacavam a importância do evento e sua singularidade, e determinar que eu deveria ir.

Cheguei uns 20 minutos antes do previsto e comecei a procurar lugar para estacionar. Apesar de ser uma motocicleta, tal tarefa parecia impossível, e só consegui encontrar vaga uns três quarteirões acima da quadra da escola, por isso comecei a me preocupar com a segurança da moto e a minha segurança quando voltasse para ir embora. Mas logo fui abordado por um guardador que, indagado sobre segurança, sorriu e me afirmou algumas certezas e algumas perguntas, as certezas: "*Tu nunca foi na noite de escolha de samba enredo!*" e "*Cê nunca veio a Beija-Flor!*" e as perguntas foram: "*Vai ficar até o final?*" e "*não conhece as relações?*". Ele acertou tudo.

Graças ao telefonema de Arimar, avisando do atraso que ocorreria, remarcando para 23h o nosso encontro, e a abertura oferecida pelo guardador, comecei a entender a "*mistura*" que se concretizaria ao entrar na quadra da escola de samba. Desenvolvendo a conversa com o guardador, pude entender as perguntas e afirmações: a noite de escolha de samba enredo é um marco que *fecha "um ciclo" e abre "outro ciclo"*. Está se fechando a escolha do samba enredo que a escola irá defender/cantar no próximo carnaval, e essa escolha é um processo/concurso longo, demorado e sério. Então, lembrou-se de histórias contadas por familiares mais velhos, de tempos em que era uma bagunça e os "*bicheiros*<sup>5</sup>", segundo ele, acabavam com os concursos, mudavam o samba e "*coisas desse tipo*", contrastando com os dias de hoje que, segundo ele, é sério: "*a Globo até filmá*<sup>6</sup>". E o novo ciclo que se abre é o de ensaios técnicos que começam na semana seguinte a escolha do samba enredo e termina com os dois ensaios marcados na avenida ou "*ensaio geral*", e quando

---

<sup>5</sup> Como ficaram conhecidos os contraventores ligados ao Jogo do bicho.

<sup>6</sup> Conferindo ao ato de filmar e a presença da Rede Globo de televisão conferem ao evento legitimação da seriedade do concurso e seu desenvolvimento, quase em um padrão "Globo de qualidade".

perguntei do "carnaval" em si, achei que seria o encerramento do segundo ciclo, ele sorriu e respondeu: "*o carnaval é a prova de fogo*"<sup>7</sup>.

Quando perguntei novamente se ali era seguro e porque era seguro, ele explicou as afirmações e perguntas feitas acima. Aqueles quarteirões, segundo ele, seriam o "*lugar mais seguro de Nilópolis aquela noite, ninguém quer estragar a festa, é bom pra todo mundo*". Após essa declaração e no desenrolar da conversa e posteriormente andando para meu ponto de encontro, entendi as relações estabelecidas ali e devidamente detalhadas por aquele humilde guardador de carro, "*nascido e sempre morador de Nilópolis*", como ele mesmo se identificava. Durante as noites de eventos relacionados ao carnaval da Beija-Flor, período de Novembro a Fevereiro de cada ano, o policiamento acontece em toda a região da quadra (um raio de 5 quarteirões), mas de maneira mais intensa nos 3 primeiros quarteirões onde ficam as barracas de comidas e que vendem blusas dentre outras coisas, e por isso acontece maior concentração de pessoas e polícia. A própria comunidade está extremante envolvida com os eventos, seja como vendedores, guardadores de carros, integrantes da escola e outras funções, explicando a colaboração desses para a manutenção da ordem e segurança. Além das alianças paralelas entre Beija-Flor, políticos locais, moradores e polícia, que impossibilita pequenos furtos, bagunça, reboque de carros estacionados de forma proibida e o fechamento ao trânsito 3 quarteirões mais próximos à quadra.

### **Putz! Virei cigano?**

Conforme o combinado, a escola de samba mandou um ônibus para buscar os membros da Tzara Ramirez e fiquei esperando no local e horário combinados, como um turista de blusa branca, calça jeans e máquina fotográfica a tiracolo e, após

---

<sup>7</sup> Lembrando que essas observações não resumem o trabalho desenvolvido durante todo o ano nas escolas de samba, que começa muito antes disso e não pode ser descartado.

alguns minutos, percebi o grande furor das pessoas em minha volta, direcionando olhares e comentários para a subida da ladeira que levava à quadra da escola, concluindo que meu grupo chegara. Não deu outra, eram eles subindo a rua caracterizados, e exibindo uma felicidade que dava gosto de se ver e compartilhar. Assim que me avistaram, Arimar e Dolores vieram em minha direção me cumprimentar e entregar o bracelete de entrada, e chamaram Aldebaram, que trazia minha blusa, lenço e cinto dizendo: "*coloca, coloca, coloca logo p'ra gente entrar! Aldebaram vai te ajudar*". Pedi para trocar dentro da quadra, por me sentir mais confortável, e eles prontamente entenderam, mas assim que entrei o mesmo pedido foi feito "*coloca, coloca, coloca logo pra gente entrar! Aldebaram vai te ajudar*", sendo que dessa vez era para entrar no espaço separado para, nosso grupo, e não tive como escapar. Assim que comecei a abrir a blusa percebi que todos os olhares voltaram para mim, quase como em abrir de roda, e as máquinas todas começaram a se ligar; percebi a mudança imediata de pesquisador (observador) para pesquisado (observado), onde me tornei um observado. Segundo os médiuns desde a festa de Santa Sara de Kali os médiuns sentiam vontade de me ver "*vestido de cigano*", por ter ajudado e estar com eles presencialmente desde o início do ano. Com a enorme ajuda de Aldebaram consegui entender os tantos cordões e detalhes ao vestir a blusa amarelo ouro bordada com fios de ouro e meu lenço e cinto verde com bordado de fios de ouro também; assim que terminei de me arrumar, as fotos e sorrisos não pararam, muitos pediram para me fotografar, cumprimentos e brincadeiras com o "*ciganinho*" se tornaram constantes, muitos diziam que estavam doidos para ver, outros que já sabiam que existia um cigano dentro de mim e por aí vai, e eu brincava que a única vantagem é que: "*já tinha o brinco original de fábrica*".

Percebendo que minha estratégia de não colocar a roupa tinha se desmantelado e os médiuns da Tzara conseguiram me vestir como queriam, logo me posicionei como fotógrafo do grupo para poder observar sua interação e o que acontecia no ambiente. Tínhamos recebido um camarim só para a Tenda, com várias

cadeiras e uma visão privilegiada do lado direito até o centro do palco, o último camarote antes da área nobre/VIP onde, em um grande salão com ar-condicionado, ficam os diretores da Beija-Flor e políticos influentes de Nilópolis, com baldes de cerveja e água e alguns brindes como: bandeiras com o número do samba enredo que defenderiam, blusas e echarpes de caubói. O tema "*Amigo fiel: do cavalo do amanhecer ao manga-larga marchador*". O enredo conta a história da relação entre o cavalo e a história do homem "***Sou Mangalarga Marchador! Um vencedor, meu limite é o céu! Eu vim brilhar com a Beija-Flor...Valente guerreiro, amigo fiel!...***", e, em um determinado momento o samba conta a importância da relação do cavalo com o "*povo cigano*" nas caravanas, batalhas e uma busca de purificação do sangue desses animais "*...Cigano... Buscando a purificação! Mostrando elegância e bravura, A minha aventura se torna canção!*", o que justificava o convite dos ciganos da Tzara Ramirez ali. No primeiro momento não entendi o porquê dessa estrofe no meio do samba enredo e a relação que justificasse um convite com tanta força, somente depois de um estudo e conversas pude compreender, mas tratarei disso mais a frente.

Assim que me coloquei um pouco mais na lateral do grupo e deixei de ser o centro das fotografias, comecei a observar a interação do grupo com aqueles que estavam à margem do espaço para eles separado. Muitas pessoas se encostavam no camarote, quase entrando nele, pedindo para tirar fotos com "*os ciganos*" que, de maneira solícita atendiam, posando e performatizando olhares obscuros e danças, o que chamava cada vez mais atenção e de maneira direta aumentava o pedido de fotografias a serem tiradas. Por estar à margem entre eles e os seus admiradores, era constantemente questionado com a pergunta: *são ciganos?* E só balançava com a cabeça de maneira positiva, sem problematizar. Até que um dos grupos de admiradores me surpreendeu, conversando com três ciganos, um homem e duas mulheres, com o pedido para tirar uma foto. Muitas vezes ouvi isso na Tenda e me retirava ou até oferecia para bater a foto da pessoa com ele, mas dessa vez a pergunta era para mim, quer dizer nós quatro, e apesar de tentar disfarçar, sair ou

tirar a foto, não consegui e fui fotografado como cigano algumas vezes. Antes de sair essa jovem, após observar minha dificuldade com a situação, fez a seguinte pergunta: “*Você não é cigano?*”, sei que ela esperava uma resposta, mas não eu e sim os ciganos que me acompanhavam imediatamente responderam positivamente para acabar com a situação, e eu mudo só conseguia me perguntar: Posso virar cigano? Existe essa possibilidade? Hoje sou cigano por uma noite? A identidade do grupo se tornou um problema a ser pensado como pesquisador e “*a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza*” (HALL, 2011, p. 9).

Minha primeira fotografia da borda do camarote se tornou um objeto de análise etnográfica pela observação que fiz de imediato em meus pensamentos: “*quanta mistura*”<sup>8</sup>, lembrando-me de um texto que já foi muito debatido entre grupo de amigos do PPGCS e me dava a mesma impressão ao observar a foto, unindo com os relatos do guardador de carro e minhas indagações, quando recebi o convite para estar ali com o grupo. Balões, bandeiras, faixas e símbolos mais variados e diferentes se congelaram no visor da câmera, assim como pessoas e personagens mais variados que eram símbolos importantes a serem analisados também. Ali Globo, Escola de Samba Beija-Flor, Samba-Enredo, Ciganos e Nilópolis se misturavam e representavam interesses diferentes, mas é a Tenda Tzara e seus ciganos que são o foco de minhas observações e minhas análise nesse trabalho. Como os ciganos foram parar ali, o que representam ali e como interagem com os demais grupos ali representados?

A Rede Globo estava ali como principal patrocinadora da Beija-Flor naquele ano, supostamente, por causa da relação do enredo com a novela da emissora Globo

---

<sup>8</sup> “É muita mistura”: religião, música, política, dengue, beleza e saúde no Complexo do Alemão – Carly Barboza Machado Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFRRJ, Trabalho apresentado 28ª Reunião ABA – 2012.

"*Salve Jorge*<sup>9</sup>", que mostra a região de origem do povo cigano, os cavalos mais importantes e valiosos e a relação estabelecida no início da história cigana com esse animal. E os políticos de Nilópolis mantêm uma longa e estreita relação com a presidência da Beija-Flor desde sua fundação, o que explica a força da escola de samba na comunidade e a relação entre os moradores e comunidade, muitas vezes se misturando com esfera pública. Mas como "*os ciganos da Tenda*" chegaram até ali?

Alguns minutos antes da execução do sambar enredo de número 70, um homem chamado "*Jorginho da Beija-Flor*" foi correndo chamar os ciganos da Tzara; era ele um dos compositores do samba e responsável pelo convite que resultou naquela noite. Pediu que eles se posicionassem na frente do palco, entre a bateria e a plateia, de frente para Layla, carnavalesco da Beija-Flor. Logo pedi a Arimar que explicasse que iria fotografar<sup>10</sup> e ele de imediato me mostrou onde ficar para tirar minhas fotos no palco e no chão, disse que falaria com os seguranças para liberar meu trânsito, e assim fez. Todos desceram e se posicionaram onde foi pedido e assim que o samba enredo começou, os ciganos da Tenda começaram a dançar, rodando e balançando saias e chapéus, em coreografia de dança cigana (às vezes um ou outro dava uma "*sambadinha*") balançando a saia ou chapéu, rindo e brincando de misturar dança cigana com samba, sempre sorrindo e se apresentando para a bateria, público e Layla, tirando gritos, aplausos e comentários de admiração. Ao final, os membros da bateria e público nos fizeram demorar para o retorno ao camarote por causa da grande quantidade de fotografias tiradas conosco, quer fomos a surpresa da noite. Apesar de naquela noite o samba enredo que a Tenda defendia não ter ganho, a Tenda saiu como vitoriosa, pois conseguiu encantar todos os presentes, reproduzir o "*ethos cigano*" (GEERTZ, 1989, p.104) e o convite do próprio Layla para participar de

---

<sup>9</sup> <http://tv.globo.com/novelas/salve-jorge/index.html>

<sup>10</sup> Também tinha medo que quisesse que sambasse ou dançasse igual cigano, e não sei fazer nenhum dos dois.

uma "*Ala de Ciganos*", tendo sido marcada uma reunião para resolver isso durante a semana.

No domingo seguinte fui ansioso ao atendimento da Tenda esperando notícias da conversa que ocorreria durante a semana. Assim que cheguei fui direto à sala de Arimar, e pedi que me contasse sobre sua reunião com Layla. Ela me contou que foram recebidos por ele durante a semana, assim como por outros representantes da Beija-Flor, e que participariam mesmo do carnaval em uma ala de ciganos. Disse que os três (Juan, Arimar e Morgana – uma das professoras de dança que é médium na Tenda) falaram com Layla, esclarecendo e acertando algumas coisas sobre participação, roupa e coreografia. Após falar por quase uma hora, ela comentou "*Ai, o Layla perguntou se a gente era cigano mesmo, eu disse que sim, de coração, de espírito! Ele perguntou se tinha algum cigano de sangue, família. Eu disse que sim, mas se fosse para a Tenda ir teríamos de ir todos, todos somos ciganos, senão estaríamos fora!*". O "*ser cigano*" para o grupo da Tenda parece ser um só, onde real (sangue) e imaginado (espiritualidade) que eles entendem ser e existir assim, na avenida – assim como em qualquer momento que estão como Tenda Tzara Ramirez, ritualístico ou não – é um só (GEERTZ, 1989, p.129). Os critérios de pertencimentos são do grupo e independentes do olhar de fora, seja pesquisador ou não (BARTH, 2000, p. 25-67).

### **Quem são os "meus ciganos"<sup>11</sup>?**

A história da Tenda Tzara Ramirez começa quando Juan, que era pai de santo em um terreiro de candomblé na região chamada "*Chacrinha*", em Nova Iguaçu, há mais de quinze anos atrás, onde aconteciam rituais somente de candomblé. Mas

---

<sup>11</sup> A brincadeira do título é referencia ao ato de se descobrir "seu cigano" – como chamam os adeptos da Tenda quando uma pessoa joga cartas para descobrir que cigano incorpora e que trabalhos esses ciganos fazem.

alguns dos adeptos, inclusive ele, teriam começado a sentir a presença de espíritos ciganos no ambiente, pois segundo ele, alguns dos adeptos frequentavam umbanda também, o que estava causando essa energia diferente no ambiente, até que um dia Juan incorporou pela primeira vez o cigano Juan Ramirez.

Assim que incorporou esse cigano foi dada a Juan a responsabilidade de arrumar um lugar em que os espíritos ciganos, de pessoas de terreiros de umbanda e de candomblé diferentes, pudessem cuidar<sup>12</sup> de seus ciganos, já que uma característica da Tenda é o duplo pertencimento dos adeptos em umbanda e candomblé, que os mesmos chamam de "outro lado". Juan começou a abrir no mesmo espaço dias direcionados exclusivamente para trabalhos com espíritos ciganos e nos outros dias para rituais de candomblé, e o espaço de ciganos começou a se tornar conhecido pela propaganda dos próprios adeptos e pessoas da comunidade. Três anos depois Juan foi orientado a procurar outro lugar que tivesse um espaço maior para as atividades ritualísticas e principalmente, onde houvesse a separação da Tenda Tzara Ramirez do barracão de candomblé, pedido feito ao Cigano Juan Ramirez.

Esse pedido teria sido feito pelo cigano Juan Ramirez, pois os espíritos ciganos queriam um espaço só para eles, já que não se sentiam à vontade em dividir um espaço onde acontece sacrifício de animal, já que isso não existe na tradição cigana. Entre os trabalhos, feitiços e magias dos espíritos ciganos não existe o pedido de *sangue vermelho*<sup>13</sup>, somente de *sangue verde*<sup>14</sup>. Esse pedido fez com que a região da "Chacrinha" fosse trocada para uma região mais ampla e que as especialidades fossem separadas. A opção foi o bairro de Santa Eugênia que é mais distante do

---

<sup>12</sup> Expressão que é usada quando o médium adepto da casa usa para explicar que na Tenda direciona sua atenção espiritual para trabalhar com seu espírito cigano, já que no candomblé e na umbanda eles podem dar uma atenção melhor aos outros espíritos.

<sup>13</sup> Referencia que os espíritos ciganos fazem ao sacrifício de animal.

<sup>14</sup> Quando é feito um trabalho com ervas, flores e elementos da natureza os espíritos fazem uma associação com sacrifício de sangue verde.

centro de Nova Iguaçu, onde hoje em dia se localiza a tenda. Nessa região foram comprados dois terrenos, um para a *Tenda Cigana Espiritualista Tzara Ramirez*<sup>15</sup> e outro para o Barracão de Candomblé.

O espaço que chamo de Tenda está em um terreno de 700 m<sup>2</sup> onde se encontram a tenda, que é um barracão ocupando a metade do terreno, pintado com desenhos de ciganos e de forma bem colorida, um tablado de madeira central, telhado simples onde se usa como divisórias um conjunto de biombos móveis, que são colocadas e tiradas com facilidade – dependendo das cerimônias. No espaço de trás da tenda temos algumas salas que são usadas para trabalhos espirituais como banhos, cirurgias espirituais, sala dos potes e vestiários. À frente da Tenda encontramos o pátio central, onde a salamandra está localizada no centro, e a região de espera dos pacientes, com o número de sete bancos onde mais de setenta pacientes se revezam quinzenalmente sentados ou em filas enormes, em pé, para algum dos trabalhos que são ali oferecidos.

Assim apresentado o local e como surgiu a Tenda Cigana Espiritualista Tzara Ramirez, esclareço que este trabalho tem como campo somente o grupo religioso da Tenda, e os espíritos que incorporam nos médiuns daquele local, centro de minhas atenções e observações etnográficas, e sobre eles debruçarei minhas análises metodológicas. Esses médiuns se chamam de "*ciganos de coração*" e "*ciganos de espírito*"<sup>16</sup>. O duplo pertencimento é comum na Tenda Tzara Ramirez, todos os adeptos com quem conversei têm uma segunda religião ou "*outro lado*", como eles mesmos nomeiam, em sua maioria umbanda e candomblé. O diferencial da Tenda é que após a separação do espaço físico, na Tenda Tzara Ramirez só existe incorporação de espíritos ciganos, o que será um importante ponto para essa análise. E são esses médiuns/espíritos que se chamam de ciganos, foco deste trabalho. Como

---

<sup>15</sup> Começou a usar esse nome a partir desse momento, onde os espaços espirituais estavam separados.

<sup>16</sup> Essas duas nomenclaturas são comumente usadas entre os adeptos para explicar e diferenciar dos ciganos de "sangue" – etnia cigana – e é comum ver essa expressão até tatuada em alguns médiuns.

esse grupo religioso constrói sua identidade e como se posiciona perante outros grupos, sendo religiosos, sociais, comunidade e a própria Beija-Flor, sendo a questão que busquei investigar.

Essa relação da Tenda com outros "grupos" já tinha chamado minha atenção em momentos diferentes, como eles mesmos fazem questão de ressaltar: "*somos ciganos de coração, espírito*", porém essa relação é muito mais complexa do que me pareceu nos primeiros momentos. Pude presenciar momentos em que essa identidade foi acionada e legitimada por fatores diferentes e forças diferentes, onde ora são ciganos, ora são grupo religioso, ora são ciganos da Tzara, ora oriundos de umbanda e candomblé, ou totalmente diferentes de umbanda e candomblé, dependendo do grupo ou relação com o grupo envolvido. Muitas vezes se torna conflitivo entre os próprios adeptos dentro do grupo, e conflitivo quando em referência a outros grupos, no caso dos "ciganos de sangue", como os adeptos chamam a etnia cigana, e conflitivo também, em alguns momentos, com outros grupos religiosos como umbanda e candomblé. O que Stuart Hall (2011, p.11) chama de "*Sujeito pós-moderno*" não possui uma identidade fixa, permanente e essencial. Trata-se de uma identidade móvel, definida historicamente e não biologicamente, não é unificada como no Iluminismo, tão pouco coerente. Nesse entendimento, um indivíduo pode possuir diversas identidades em si, utilizando-as de acordo com os sistemas culturais que o rodeia (HALL, 2011. p. 11)

Uma das primeiras situações para entender um desses conflitos foi em maio, quando fui chamado para assistir a uma mesa que o ISER promoveria um dia após o "*Dia Nacional do Cigano*" com o título "*Ciganos: Desafios para entendimento*", e se propunha a trabalhar a presença dos ciganos em vários países do mundo, principalmente no Brasil, suas características culturais e a situação social no mundo hoje. Estavam compondo a mesa Hélio R. S. Silva (Presidente do ISER e mediador da mesa), Marco Antônio da Silva Mello (Doutor, Professor da UFF e UFRJ, Coordenador do LeMetro e especialista em História e Cultura Cigana), Felipe Berocan Veiga

(Doutro, Professor da UFF e membro do LeMetro e especialista em Cultura Cigana), Greta Persico (Doutorando da Università di Milano-Bicocca, pesquisadora de Ciganos e sua relação com a educação/escola) e Mio Vacite (Presidente da União Cigana do Brasil).

A mesa aconteceu no dia 25 de maio de 2012 e os pesquisadores Marco, Felipe e Greta apresentaram seus *papers*, destacando a presença cigana pelo mundo e no Brasil, e como sua cultura se relaciona e diverge com a dos países que estão em muitos momentos e diverge delas. Após as apresentações Mio Vacite foi convidado a dar uma palavra como representante dos Ciganos no Brasil e encerrar a mesa que, posteriormente, seria aberta para perguntas. Em sua fala ou crítica demonstrou um discurso fervoroso e defensor radical de uma "*Cultura Cigana*" extremamente ligada a etnicidade e que, segundo ele, "*estaria sendo corrompida e misturada no Brasil*", gerando *perigo* à sua identidade (DOUGLAS, 2012, p. 118), inclusive pela própria data em que estávamos ali reunidos, de certa maneira para comemorar como uma vitória da etnia cigana. Além do "*Dia Nacional do Cigano*", também fez severas críticas à adoção de Santa Sara de Kali como padroeira dos Ciganos no Brasil, à "*Cartilha de direitos da etnia Cigana*" e, principalmente, aos cultos "*afro-mediúnicos*", foco deste trabalho, que reivindicam valores e identidades da cultura ciganas. A intervenção de Mio Vacite e a repercussão que causou no decorrer da mesa me fez começar a pensar nessa "*identidade cigana*", o que me levou a buscar entender essa relação de ciganos na religião/religiosidade, que é exatamente onde a Tenda estaria nesse primeiro momento de análise. A identidade étnica que Mio "defendia" ali é definida como "*Sujeito do Iluminismo*" por Stuart Hall (2011, p. 20) sendo uma concepção de sujeito humano centrado, racional, unificado, consciente. A identidade desse sujeito aparece no seu nascimento – biológica e sanguínea - e desenvolve-se ao longo da vida em um processo contínuo/culturais (2011, p. 20). O que seria comum a um grupo étnico, mas sinceramente me confundiu, já que em 2008 na ALERJ durante a comemoração

do centenário da umbanda, Mio e sua companhia apresentaram um musical que parecia revelar forte interação étnico-racial (PEREIRA, 2009, p. 152).

A segunda vez em que pude observar esse conflito foi na "*V Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa do Rio de Janeiro*", ocorrida em 16 de setembro de 2012 na Praia de Copacabana reunindo 210 mil pessoas<sup>17</sup>, segundo a imprensa. Fui com o intuito de fotografar e observar não só o grupo religioso que estudo e que não estava presente, ou não os encontrei, mas também recolher dados que fossem relevantes a minha análise. Quase desistindo da caminhada, tive meu olhar direcionado por minha acompanhante a uma senhora vestida, muito bem vestida, de cigana, se direcionando para o que seria o final da caminhada. Onde apressei o passo e observei que ela se direcionava para um grupo de em média uns 25 ciganos, incluindo homens e mulheres de todas as faixas etárias, vestidos de ciganos. Bastante preocupado com "*que ciganos eram esses*", sabendo do conflito e com certo receio com a recepção, caso errasse, resolvi observar de perto e esperar ouvir algo que me possibilitasse a entrada, mas nem foi necessário, pois logo identifiquei Mio Vacite bem ao centro, o que logo os identificou como ciganos de etnia, mas colocou uma dúvida ainda maior em minha cabeça: O que estavam fazendo ali? Principalmente depois da mesa do ISER.

Depois de alguns minutos reunidos conversando sobre coisas variadas, pedi para ser fotografado com alguns dos membros do grupo e assim fiz elogios às belíssimas roupas e acessórios buscando conversar com aqueles que dessem abertura. Logo fui muito bem recepcionado para as fotografias, quando a câmera profissional mais uma vez me abriu campo, pois muitas vezes acham que sou fotógrafo profissional ou repórter, o que abre a conversa e faço esclarecimentos

---

<sup>17</sup> <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/09/caminhada-em-defesa-da-liberdade-religiosa-leva-milhares-copacabana.html> (acesso 18-01-2013).

sobre minha pesquisa<sup>18</sup> e conversas. Todos explicaram sua origem cigana dizendo a que família e subgrupo faziam parte e sua ligação com "*União Cigana do Brasil*". Quase todos eram familiares de Mio, sendo assim Calon, e participavam do seu grupo musical de dança e música cigana<sup>19</sup>. Muitos me entregaram cartões com contatos para aulas de música, e algumas mulheres de quiromancia. Assim que a caminhada começou, o grupo abriu uma faixa com o nome da "*União Cigana do Brasil*"; em cima e embaixo uma única frase: "*Em defesa da liberdade cultural e liberdade religiosa*", e quando perguntados sobre o porquê de sua presença ali sempre respondiam "*apoiamos a liberdade religiosa, todos tem direito de manifestar sua opção religiosa – nós ciganos não temos uma religião cigana, adotamos a religião do país onde estamos e somos livres para escolher*<sup>20</sup>", o que me fez pensar no caso do Brasil e a variedade de opções que teriam, inclusive religiões afro-mediúnicas. Seria possível a ideia de *mudança constante* de Stuar Hall na "*cultura cigana*", rápida e permanente. E é este caráter de mudança permanente que as distingue das sociedades tradicionais em que os ciganos parecem estar? O autor chama atenção para o processo de *descontinuidades*, processo que libertou os indivíduos das amarras da tradição, promovendo uma ruptura com o passado, sendo assim possível, dentro da "*liberdade de escolha religiosa*" dos ciganos de sangue, um deles incorporar um "*espírito cigano*", caso venha optar por religiões mediúnicas (2011, p. 49), indo de confronto com o discurso de Mio. Lembrando que Wlavira Turczyneck<sup>21</sup> me disse que "*tem cigano Judeu, protestante, católico e por ai vai...*"

---

<sup>18</sup> E após o esclarecimento, por mais que não seja o que esperavam, na maioria das vezes, gera interesse. Mas de qualquer forma já é uma abertura para contatos.

<sup>19</sup> Mio tem um grupo de dança e música cigana que toca profissionalmente em eventos diversos no Brasil chamado "Encanto Cigano".

<sup>20</sup> Frase dita por um cigano do grupo, a qual tirei foto e anotei frases em meu caderno, mas não escrevi seu nome. Mas pelas fotos o chamo de "Cigano da saia" – pela capa de toureiro que usava e posava com ela como uma saia para as fotografias.

<sup>21</sup> Cigana de sangue de família importante em Cascadura – RJ, professora e proprietária de um estúdio de dança.

Antes de me despedir do grupo e acompanhá-lo do lado de fora da caminhada, me chamou atenção a quantidade de pessoas, principalmente mulheres, algumas vestidas de ciganas, que pediam para serem fotografadas com os membros do grupo. Comecei a direcionar minha atenção e abordagens a esses, conseguindo fotografar, e conversar com duas delas. A primeira jovem vestida de cigana disse que era da umbanda e tinha uma cigana também, o que explicava a vestimenta. Incorporava há algum tempo e estava ali com um grupo de umbanda, mas viu os ciganos e quis tirar fotos com eles. A segunda jovem sentiu um certo desconforto com a minha pergunta, "*porque quis fotografar com eles*<sup>22</sup>", falou que por causa da beleza e fazia dança, mas depois de um tempo disse que "*tinha uma cigana*" que só tinha descido uma vez e estava trabalhando para isso acontecer mais. Os "*ciganos de espírito/coração*" que me eram comuns na tenda, agora voltavam e se apresentavam como linha<sup>23</sup> na umbanda e, em vários outros momentos, pude observar outras pessoas com roupas de ciganos ou que lembravam ciganos andando na caminhada.

O terceiro momento importante foi a festa de *Nossa Senhora Aparecida*, quando uma grande festividade de dois dias envolveu, não só os médiuns da tenda, mas também os moradores da comunidade em que ela está localizada e alguns políticos da região que cederam material de grande importância para o acontecimento do evento, em 12 de outubro de 2012. Acompanhei os procedimentos para a festa durante o dia de seu acontecimento e o dia anterior com seus preparativos, quando pude acompanhar os médiuns e suas interações durante um dia inteiro fora do ritual e precedendo o principal ritual anual deles, o que me possibilitou observar e presenciar fatos e conversas essenciais para entender algumas das observações aqui feitas.

---

<sup>22</sup> Que foi a mesma a todos os que isso faziam.

<sup>23</sup> Referência dada a grupo na qual a entidade que se manifestou está inserida na cosmologia da umbanda. Para referência mais detalhadas, ver Ortiz, 2011.

Ao chegar na Tenda no dia de arrumação, que precedia a festa, percebi que o evento aconteceria na rua que já estava sendo fechada, o que proporcionaria um espaço quase de um quarteirão, já que a rua de trás da Tenda é sem saída. Logo que estacionei, indaguei sobre o fechamento e recebi algumas respostas como *"a festa é grande e precisa de espaço grande"*, e ao indagar sobre a comunidade e pessoas das ruas *"todos gostam e participam, é um grande evento"*, mas mesmo assim continuei preocupado até que a Cigana Arimar chegou, me cumprimentou e, quando indagada pelo mesmo motivo me respondeu *"temos autorização da Prefeitura (nesse caso Nova Iguaçu), temos amigos lá, sempre que precisamos eles apoiam e colaboram, como hoje na autorização para fechar a rua, autorização para o som, – que foram eles que deram o carro de som, e autorização para fazer um procissão mais tarde dando a volta em alguns quarteirões da vizinhança"*. Surpreso, resolvi aprofundar sobre esses *"amigos lá"* que Arimar destacou com orgulho.

A Tenda Tzara Ramirez tem um certo reconhecimento na cidade de Nova Iguaçu e em alguns bairros da Baixada Fluminense por sua relação com a dança, arte e cultura cigana<sup>24</sup>. Desde seu surgimento o grupo tem se empenhado em promover a cultura cigana com aulas de dança e música, sendo forte a tradição de professoras profissionais de dança na casa, como citado anteriormente, o que faz com que exista uma divulgação muito grande da Tenda em eventos de prefeituras relacionados à *"cultura cigana"* e à *"espiritualidade cigana"*, fazendo com que a Tenda seja chamada para participar de festas em outros grupos religiosos, como umbanda e candomblé, com muita frequência.

A forte relação com a dança é uma decorrência das características/qualidades do médium Juan, que além de ser um dançarino é líder da Tenda e mantém proximidade com a dança e espetáculos de dança. Juan é um excelente dançarino – o melhor da Tenda, seja entre homens e mulheres e essa opinião é partilhada por

---

<sup>24</sup> O que explica o convite feito pela Beija Flor, principalmente depois de entrar em contato com a Liderança da Tenda.

médiuns, adeptos e o pesquisador que escreve, e ultimamente tenho percebido que na Beija-Flor também, o que o faz ser constantemente destaque quando dança. Essa colaboração com a cultura fez com que Juan recebesse um prêmio pela divulgação da cultura cigana no ano de 2008, concedido pela Secretaria de Cultura da Prefeitura de Nova Iguaçu, e organizado no SESC da cidade onde, após uma noite inteira de homenagens, dança e canto, Juan recebeu um diploma das mãos do Prefeito e do Secretário de Cultura da cidade. Segundo as próprias palavras de Juan *"foi uma noite e tanto, já viu as fotos? O SESC lotado de ciganos, o pessoal da umbanda, lá do barracão... Muito lindo"*.

Menciono aqui, a fala de Juan, "lá do barracão" para aprofundar uma questão já mencionada acima e que darei um destaque maior em minha abordagem: o fato de Juan ser pai de santo num terreiro de candomblé onde é conhecido com *"M. de Onira Babalorixá"*<sup>25</sup>. Acompanhei o Juan algumas vezes nesse terreiro em festas, obrigações, saídas de santo e outras mais, observando sua relação com o candomblé e percebi que lá a música e dança são destaques principais do terreiro, proporcionando convites diversos para acompanhar outros grupos e festas, assim como na Tenda, e a Secretaria de Cultura de Nova Iguaçu também, agora na propagação e eventos da cultura afro-brasileira. Um evento de destaque neste ano, contado pelo próprio Juan durante a preparação da festa de Nossa Senhora Aparecida, foi um convite a que ele atendeu para ir a Salvador – BA para ministrar um curso de dança de origem afro-brasileira, financiada pelo governo da Bahia e mediado por *"gente de lá"* da Prefeitura de Nova Iguaçu.

Esse terreiro fica na rua de trás da Tenda, a menos de 150 metros, se der a volta no quarteirão andando, o que proporciona uma grande força desses grupos no local e junto à comunidade, onde quanto às festas, frequência de atendimento, força perante a prefeitura. Os bares e barraquinhas de cachorro-quente da região se localizam mais próximos dos templos em dias de atividades, assim como nos dias de

---

<sup>25</sup> Não usarei o nome civil de Juan, por motivos anteriormente citados.

Tenda. O próprio dono de uma das barracas me falou que aumenta a venda de frangos, por sabe que *“eles não comem carne vermelha em dia de trabalho, o que ajuda a ele vender mais”*, demonstrando a relação que a comunidade tem com a Tenda e o barracão de Juan. Essa relação foi comprovada na Festa de Nossa Senhora Aparecida, quando a procissão demonstrou essa interação com a população devido à grande quantidade de pessoas que estavam presentes e pessoas que saiam no portão para observar com a passagem do grupo. Mostrando como a Tenda desenvolve o *“jogo das identidades”* e como as identidades tornaram-se *“politizadas”*, na medida em que mudam de acordo como são interpelados pela sociedade (grupos), sendo assim, a identidade do grupo não é automática (HALL, 2011, p. 78). Stuart Hall, com o surgimento de poderes, contestou a divisão público/privado e, também a *política da identidade*, cada movimento social vai reivindicar uma identidade própria (2011, p. 78) e pela nossa pesquisa podemos mostrar que é desse mesmo modo que a tenda faz.

### **Os ciganos de sangue da Tenda**

A etnia cigana e os debates sobre sua formação e legitimação não são um processo singular da realidade brasileira. A construção da etnia cigana e a busca de direitos desse grupo tem produzido um acervo público e científico considerável nas últimas décadas pelo mundo. Embora não tenha uma pátria, a *“etnicidade cigana”* é confirmada pela *“União Romani Internacional”* e reconhecida pela ONU em 28 de fevereiro de 1979 (PEREIRA, 2009, p. 12). No Brasil, em 24 de maio de 2007, foi comemorado com decreto o dia Nacional do cigano, sendo lançada a *“Cartilha de direitos da etnia cigana”* pelo governo federal no mesmo dia do decreto. Além de se ter constituído no Brasil a existência da Associação de Preservação da Cultura Cigana (APRECI) e União Cigana do Brasil (UCB), instaurada a partir de um decreto.

A defesa do direito da etnia cigana tem se apoiado na existência de uma cultura cigana, cujo elemento principal é o dialeto/língua romani – que tem como estrutura central para variações (romanó, caló, sintó) (HILKNER, 2008, p. 40), sendo a transmissão da língua elemento fundante e essencial para se manter a cultura e práticas do povo, já que é por meio dela que a “tradição” cigana é mantida e passada, já que o romani é uma língua ágrafa (PEREIRA, 2009, p. 23). A origem da língua, assim como a da etnia, é de comprovação extremante questionável – contendo vários mitos fundantes – e até então pouco comprováveis, sendo mais aceita a origem Indiana (pré-castas) como demonstram estudos linguísticos do Centro Cigano de Paris, aproximação semântica com as línguas védicas/sânscritas (PEREIRA, 2009, p.23), o que exclui outras origens como do Egito, Israel, Mesopotâmia e outros muitos (PEREIRA, 2009, p. 22).

Apesar da dificuldade de se marcar uma origem cigana, sua presença é registrada em fontes históricas desde o século XII, em toda a Europa, Ásia, Oriente, África e América, apesar do nomadismo marcante de sua cultura até século XVIII quando surgem os primeiros grupos sedentários (HILKNER, 2008, p. 74), caracterizados como “*povos de cultura esponjosa*”, “*vivências culturais diversa*”, e “*malditos*”. Essas características foram atribuídas por terem uma singularidade no modo de se vestir, língua própria, hábitos culinários, artísticos e cerimoniais religiosos singulares, que em alguns momentos foram positivos e negativos na sua história. Essa afeição pela dança, música e artes abriram portas na Europa -sendo os ciganos muitas vezes contratados pela alta aristocracia como artistas dos palácios e suas festas – durante os séculos XV – XVII, porém suas práticas singulares de cerimônias religiosas, quiromancia, língua e sectarismo<sup>26</sup> foram muito mal vistas e construíram uma imagem negativada de um povo que seria de práticas trapaceiras –

---

<sup>26</sup> Apesar de hoje em dia em grande maioria dos grupos não ser assim, o sectarismo era prática obrigatória entre o povo cigano, tornando os casamentos entre comuns uma forma de manutenção da cultura e tradição.

enrolando em seu dialeto nas trocas comerciais, feiticeiros – quiromancia – boêmios, mendicantes e vagabundos – por viverem de artes; e amaldiçoados – várias lendas sobre os ciganos se propagaram nesse período – por serem causadores de epidemias, "*pacto com o diabo*" ou "*terem negado leito ao recém nascido Cristo em Belém*" (PEREIRA, 2009, p.30-31, HILKNER, 2008, p.89).

A chegada dos primeiros grupos ciganos ao Brasil aconteceu no século XIX com a comitiva de D. João VI - apesar de Adolfo Coelho em seu livro "A origem do povo cigano em Portugal" ter destacado alguns ciganos (presença pontual, como João Torres) durante os séculos XVI e XVII nas bandeiras e comércio, e outros que teriam sido degradados (em sua maioria por pequenos furto, mendicâncias, feitiçaria) – forma os primeiros oficiais de justiça do país (MELLO, 2009, p. 251) sendo retratados em obras de Debret como artistas, comerciantes, oficiais de justiça e comerciantes de escravos. João Dornas Filho em "*Os ciganos em Minas Gerais*" destaca-os como originários de Portugal e Espanha, de famílias *Calons, Romá e Roms*, que são famílias importantes como comerciantes, metalúrgicos e comerciantes de cavalos (PEREIRA, 2009, p.59, DORNAS FILHO, 1948, p.96) o que explicaria a associação da relação de ciganos e cavalos que originou o convite para uma ala inteira no carnaval 2012, explicando essa relação e sua força no Brasil durante quase quatro séculos.

Um grande marco na mudança de hábitos e início na busca por direitos seria a Revolução Industrial nos séculos XIX e XX, que no Brasil, fez os ciganos começarem um processo de sedentarização (MELLO, 2009, p. 243), abandono de práticas comerciais que dependiam do nomadismo como a venda de cavalos, e busca de direitos para a continuidade da tradição e práticas ciganas e reconhecimento como etnia perante o estado. Cristina da Costa Pereira em seu livro "*Os ciganos ainda estão na estrada*" destaca que em 1980 Ático Vilas-Boas da Mota, professor da UFG e membro do Centro de estudos Ciganos de Paris, participou junto ao governo federal

da tentativa frustrada de elaborar um estatuto cigano, que continha três pontos básicos:

1. Direitos a estacionamento em todas as localidades brasileiras, evitando o conflito dos grupos nômades com as autoridades municipais.
2. Direito a assistência médica em todas as campanhas.
3. Alfabetização em romani e em português.

O documento não foi a frente por divergências entre as lideranças ciganas que não aceitariam o "enquadramento do seu povo/cultura, por ser uma faca de dois gumes", pois os anos de história nômade dos ciganos geraram a formação de um mosaico étnico (HILKNER, 2008, p.102) que muitas vezes, quanto a uma variedade de assuntos, grupos como *Calé e Roms* (principais no Brasil), encontram na língua um elemento de singularidade e coesão, ao mesmo tempo em que, em assuntos culturais (religião, política, costumes) não conseguem por muitas vezes chegar a um consenso, como vimos na comissão de 1980 e opiniões divergentes ao decreto de 2007, conforme exposto na opinião de Mio anteriormente, devido à "*multiforma*" da identidade étnica do grupo cigano (BARTH, 2000, p. 27 e PINTO, 2005, p. 34), que se mantém sua união identitária por meio da língua e convívio social (PINTO, 2005, p. 44).

Apesar da divergência entre esses grupos, alguns elementos são considerados essenciais para a construção da identidade e cultura ciganas, entre eles o *romani* e o sangue cigano (família cigana) onde a cultura encontraria uma forma de resistência e manutenção de todos os elementos tidos como essências para o povo. Seria na família e na relação familiar que o cigano passaria suas leis, práticas religiosas, hábitos e ofícios de geração em geração (PEREIRA, 2009, p.59), ofícios como artes circenses, comércio, metalurgia, quiromancia, música e dança.

### **“...a cigana leu o meu destino...”**

A presença dos ciganos nas artes e literatura foram importantes para a manutenção de um imaginário – em alguns momentos positivo, noutros negativo – no imaginário popular brasileiro. Como citado anteriormente, os ciganos retratados por Debret (MELLO, 2009, p. 251) foram também destaque em obras de Machado de Assis, Guimarães Rosa e Cecília Meireles que usaram características como “*Olhos dissimulados*”, “*Romanceiro*” e “*Boêmio*” como característica do povo cigano.

Mas destaco outra característica para essa análise “*A cartomante*” que permeou os contos e literatura brasileira, assim com o imaginário de nosso povo. Me lembro muito bem das ciganas que liam mão no calçadão de Nova Iguaçu e sempre me encantaram coma possibilidade de ver meu “*destino*” ou “*sorte*”. Assim com Beija-Floro uma das práticas passadas de geração em geração na cultura cigana, a quiromancia é, sem duvida, um dos ofícios da cultura cigana mais questionados e perseguidos pelas autoridades ao longo da História (PEREIRA, 2009, p.149, BARROS, 2010, p. 49) e seria o elemento de ligação entre a dita “*tradição cigana*” e “*religião cigana*” e símbolo eficaz (LÉVI-STRAUSS, 2003, p.194) e figura lendária fundante dessa “*magia cigana*” e “*identidade cigana*” construído no imaginário popular brasileiro (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 33).

Em trabalhos clássicos os de Ruth Landes (1947), Edison Carneiro (1948), Roger Bastide (1958), Pierre Verger (1981) e Juliana Elbein dos Santos (1986) os autores mostram a busca da africanização e de uma raiz étnica do candomblé da Bahia. Nesse processo o “rompimento com o sincretismo” como divulgado ao público em um manifesto em 1984, assim como a consequente africanização do culto, é frequente e facilmente entendido como o apagamento bem-sucedido de uma mentalidade católica no candomblé e outras religiosidades mediúnicas (VAN DE PORT, 2012, p. 131) apesar de Talal Asad (1993, p. 31) não nos deixar esquecer o fato de que *as declarações sobre o que constitui a “essência” de uma religião são*

*inextricavelmente ligadas a – e trabalham a serviço de – configurações específicas de poder*, nesse caso do “verdadeiro candomblé”.

Isso no leva a uma outra categoria de análise para entendimento dos “*ciganos de espírito*” que é o “*baixo espiritismo*” (MAGGIE 1992, p.226 e GIUMBELLI, 2003, p.248) e sua análise documenta entre os anos de 1890 – 1940 o processo da institucionalização política que norteia a definição do que é “religião”, nesse caso mediúnicas. No caso do espiritismo (GIUMBELLI, 1995, p. 120) mostra a socialização do “*baixo espiritismo*” e produção de agentes sociais “falsos e verdadeiros” na definição do que é “religião” quanto às práticas mediúnicas, normatizando o que é espiritismo (GIUMBELLI, 2003, p. 250-251)

Nesse processo Renato Ortiz em “A morte branca do feiticeiro negro” diz que a umbanda sofre o processo contrário que ele chama de “empretecimento” nessa ruptura dentro do “baixo espiritismo”; enquanto o espiritismo se normatiza e embranquece a umbanda é difundida nas camadas mais pobres (2011, p. 32), o que junto à perseguição dos anos de 30 no Brasil possibilitou um dinamismo da umbanda (TURNER, 2007, p. 50) com o imaginário brasileiro (BARROS, 2010, p. 41, VAN DE PORT, 2012, p. 137). As dificuldades que o candomblé constrói com sua africanização e o espiritismo com a sua normatização encontram na umbanda, nesse momento, a possibilidade de estabelecer por meio da mistura o que para muitos estudiosos se tornou um problema para entender e estudar como destaca: “reconhecer que a flexibilidade de fronteiras diz respeito a concepções do que seja religiões diferentes daquelas operadas pelos antropólogos” (BIRMAN, 1995, p. 16). Ou seja, na umbanda um mesmo símbolo possui “*multivocalidade*”, podendo vir a representar diferentes significados de acordo com a performance ritual (TURNER, 2007, p.77).

Na ruptura com o Kardecismo a “missão” se torna uma herança importante, e os “espíritos” considerados pouco evoluídos - e em alguns casos proibidos de incorporar - ganham maior lugar como “preto velho, caboclo, negros e mestiço”

(BARROS, 2010, p. 43). Segundo alguns autores a umbanda se torna "uma tradição presente, uma comemoração criativa do Brasil atual" (BAIRRÃO 2002, p.58) com interação sem limites étnicos, geográficos e sociais, gerando uma intenção de mestiçagem que, por meio da "bricolage" (MEYER, 1993, p. 132) possibilita a inclusão e acolhimento de atores sociais (BARRROS, 2010, p. 43) com "*atenção às dinâmicas sociais e necessidades dos homens*" (BAIRRÃO 2004, p.73) como prostitutas (pombas giras), bandidos (malandros), boiadeiros (cangaceiros) e ciganos, personagens (modelos/arquétipos) da vivência brasileira (BARROS, 2010, p. 46) como símbolos dominantes (TURNER, 2007, p.77).

A prática de quiromancia - leitura de mão - que durante anos foi associada a "*feiticeira*" ou "*charlatanismo*" e perseguida no Brasil pela "*Igreja Católica*" e "*Estado Novo*" (MIRANDA, 2010, p. 127) foi o símbolo comum encontrado entre a identidade "cultura cigana" e "espírito cigano" (PEREIRA, 2009, p. 94-95), causando as primeiras associações entre as duas identidades, principalmente depois da década de 70 quando no Brasil grandes grupos de famílias ciganas se tornaram sedentárias e muitas mulheres ciganas liam mãos em praças públicas e em salas de quiromancia. E as primeiras quiromantes não-ciganas (médiuns) que já estavam começando a desenvolver essa prática (PEREIRA, 2009, p. 96).

### **E a pomba serve pra que? A proibição!**

No período do *Estado Novo* os ciganos foram perseguidos como "*feiticeiros*" assim como adeptos de "*cultos mediúnicos*", e boêmios, sambistas, prostitutas e artistas/músicos da noite – grande parte dos modelos incorporados pela umbanda como "espiritualidades/entidades", como visto acima. Porém, nos últimos 30 anos (PEREIRA, 2009, p.160 e MIRANDA. 2010 p. 130) as "*entidades ciganas*" têm surgido e

vêm sendo incorporadas à "*Linha de Exu*"<sup>27</sup>, o que para muitos adeptos tem lógica, por serem povo de rua, contudo gera problema (não é a mesma energia).

Na Tenda Espiritualista Tzara Ramirez esse discurso é muito frequente entre os adeptos, principalmente quando o assunto é "*incorporação*" e "*energia da incorporação*". Os médiuns diferenciam a força e sensação entre o "outro lado" e a Tenda:

"Não vou lá no barracão pois tem sangue de animal, aqui não, é tranquilo e a energia é boa" Cigana Morgana - adepta de umbanda e da Tenda.

"Vim para cuidar de minha cigana, ela me trouxe, ela não descí lá por ser carregado..." Cigana Sibilain – adepta de umbanda e da Tenda.

"aqui é diferente, lá no barracão a energia é outra, muito mais pesada" Cigana Indianira – adepta de candomblé e da Tenda.

"a energia de minha cigana é boa, leve... me deixa bem, isso desde a primeira vez que ela veio" Cigana Carmencita – adepta de candomblé e da Tenda.

Essa divergência entre as energias "*Exus*" x "*Ciganos*" é comumente encontrada em outros médiuns e casas (PEREIRA, 2009, p.153) e seria um dos motivos de surgimento da Tzara Ramirez – como já mencionado – destacando uma das suas principais características em relação a outros grupo de presença de "*espíritos ciganos*" a proibição de incorporação de outros espíritos, que não sejam ciganos.

---

<sup>27</sup> Termo nativo que corresponde a que grupo essa entidade está ligada, designando características, que vão ser usadas para enquadrar na cosmologia da umbanda, para saber mais ler Renato Ortiz (2011).

O principal evento aconteceu durante um "*Ritual de energização*" feito só com os médiuns da Tenda, quando uma semana antes a Cigana Arimar passou uma lista com todos os elementos que deveriam ser comprados para a realização da energização que iria realizar. Uma semana depois os médiuns todos sentados começaram a receber explicação de como seria o ritual e a função de cada objeto a ser utilizado, chegando na vez da "*pemba*" a Cigana Arimar – assim como fez com todos os objetos – pergunta em voz alta: "*E a pemba serve pra quê?*", quase de maneira uníssona responde "para riscar o ponto" e caem na gargalhada. Cigana Arimar imediatamente responde "*se tivessem do outro lado sim, mas aqui não!*" promovendo um grande constrangimento. Na Tzara Ramirez por ser, desde sua fundação um lugar para as "*entidades/espíritos ciganos*", é proibido incorporar outros espíritos, "é um espaço pedido pelos ciganos e só de ciganos" como referido por Cigana Carmencita.

Essa singularidade é muitas vezes um motivo de invocação e distinção desse grupo em relação a outros que incorporam ciganos também, "a gente é cigano" - "incorporamos só ciganos" e muitas vezes é referencial de pureza/impureza e hierarquia (DOUGLAS, 2012, p. 118) entre o próprio grupo "*aquela ali* – se referindo Cigana Sibilain – "*uma vez pegou champanhe e derramou na cabeça igual pomba gira, não pode, a gente é só cigano!*" (Cigana Carmencita). Esse limiar (TURNER 2007, p.139) é sempre observado e cuidado entre o grupo – lideranças e os próprios adeptos – vigiam essa difícil tarefa de não deixar o outro lado "encostar"<sup>28</sup>, já que todos tem o seu "outro lado"

## Os puros?

Após a conversa de Arimar com Layla sobre a identidade da Tenda, resolvi procurar os "ciganos de sangue" e logo que perguntei entre os médiuns os ciganos

---

<sup>28</sup> Quando uma entidade está querendo incorporar - baixar, ou usar – um médium - aparelho/cavalo.

foram apontados, com uma certa força e admiração. Eram três entre o grupo, um homem chamado Cigano Wladymir, Cigana do chá<sup>29</sup> e Cigana Morgana, que apresentam papel de destaque entre o grupo. O cigano Wladymir esteve com o grupo do período de Março até Novembro do ano de 2012 e sempre foi o cigano homem mais procurado, considerando que só existem aproximadamente 10 ciganos homens e o Cigano Juan pouco atende na Tenda<sup>30</sup>, principalmente para áreas de prosperidade e cura. Em uma de nossas poucas conversas me disse que o cigano “tem a religião que quiser, é livre e a que ele escolheu era aquela ali”, e que “o povo cigano tem uma espiritualidade natural, por isso aquele trabalho, de ajudar o próximo, ali era mais fácil para ele”. Declarações que me fizeram lembrar Mio – na V Caminhada e na Mesa do ISER – e a Cigana Wlavira Turczyneck (cigana de sangue de família importante em Cascadura – RJ, professora e dona de um estúdio de dança).

O sangue cigano é um elemento de pureza, e de grande importância na hierarquia para os membros da Tzara, tanto como marcadores dentro do grupo ou como para aprendizado de suas funções culturais para uso ritualístico das entidades. A Cigana Sibilain em conversa me disse: “*a minha cigana – espiritualidade – joga cartas, mas eu ainda não sei. Vou aprender, fazer um curso para ela me usar no jogo, mas não vou fazer com qualquer um desses que dá curso não, vou fazer com uma **cigana mesmo**, de sangue sabe. Eles que sabem mesmo*”. Quando questionada sobre o “*cigana mesmo*” ela me explicou, “*Tá vendo aquela ali! – apontando para a Cigana do chá – ela é cigana de sangue sabe, ela que faz o chá, o chá cigano! Ela sabe a magia, o encantamento, tá no sangue...*”

---

<sup>29</sup> Vou optar por usar esse nome e guardar o nome dessa cigana, já que só me deu seu nome de batismo até agora.

<sup>30</sup> A maioria dos atendimentos do Cigano Juan é em uma sala separada do público ou em festas.

## Conclusão

O cigano está mesclado à cultura brasileira, e à figura do cigano foi assimilada a crença do povo brasileiro. Um olhar desatento sobre identidade cigana pode gerar uma confusão sobre a “etnia cigana” e “espírito cigano”, principalmente quando percebemos esses grupos em total interação do espaço público – como festas, passeatas, apresentações culturais ou manifestações de interesses comuns – o que é muito comum na realidade brasileira. No caso da Tzara Ramirez esses dois universos não só se apresentam configurados de forma separada, os ciganos de sangue, os ciganos de espírito, mas também os ciganos de sangue e espírito, que dentro da opção de escolha livre de uma religiosidade comum à cultura cigana – proporcionaram na Tenda o encontro dessas duas identidades.

Essa característica proporciona por muitas vezes que o grupo – como vimos - reivindique sua identidade dependendo da melhor adequação. Algumas vezes como ciganos de sangue, no caso da Beija-Flor, e em outras como “ciganos de espírito”, perante outros grupos religiosos e pacientes, ou como “ciganos de sangue e espírito” no caso de alguns ciganos da tenda que encontram nessa possibilidade um maior destaque.

## Referências

ASAD, T. **Genealogies of religion**. Discipline and reasons of power in Christianity and Islam. Baltimore: John Hopkins University Press, 1993.

BAIRRÃO, J. A. **Subterrâneos da submissão**: sentidos no mal no imaginário umbandista. **Memorandum**: Memória e História em Psicologia, n. 2., p 55-57, 2002.

BAIRRÃO, J. A. **O impossível do sujeito**: implicações do tratamento do inconsciente. São Paulo: Edições Rosário, 2004.

- BARROS, M. L. **Labareda, teu nome é mulher**: análise etenopsicológica do feminino à luz de pombasgiras. Ribeirão Preto: USP, 2010.
- BARTH, F. **O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia**. Rito Nagô. São Paulo: Editora Schwarz, [1958] 2000.
- BIRMAN, P. **Fazendo estilo, criando gênero**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
- BIRMAN, P. **O que é umbanda**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CARNEIRO, Edson. **Candomblés da Bahia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1948] 2002.
- DORNAS FILHO, J. **Os ciganos em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Panorama, 1948.
- DOUGLAS, M. **Pureza e perigo**. 2ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIUMBELLI. **O cuidado dos mortos**. Rio de Janeiro: Ed. Arquivo Nacional. 1995.
- GIUMBELLI. **O “baixo espiritismo” e a história dos cultos mediúnicos**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v 9, n. 19, Jul., 2003.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- HILKNER, R. A. S. **Ciganos**: peregrinos do tempo – ritual, cultura e tradição. Campinas: UEC, 2008.
- LANDES, R. **The city of women**. New York: MacMillan, 1947.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural**. 6ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- LÉVI-STRAUSS, C. **O suplício do Papai Noel**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- MAGGIE, Y. **Medo do feitiço**: relações entre magia e poder no Brasil. In: ESTERCI, N.; FRY, P.; GOLDENBERG, M. (orgs.). **Fazendo antropologia no Brasil**. Rio de Janeiro, DP & A, 2001b.

MELLO, A. S. M. VEIGA, F. B. SOUZA, M. A. e COUTO, P. B. **Os ciganos do Catumbi: de “andadores do Rei” e comerciantes de escravos a oficiais de justiça na Cidade do Rio de Janeiro.** Cidades, comunidades e territórios, n. 18, p.79-92, 2009.

MEYER, M. **Maria Padilha e toda a sua quadrilha:** de amante de um rei de Castela a pombagira da umbanda. São Paulo: Duas cidades, 1993.

MIRANDA, A. P. M. **Entre o privado e o público:** considerações sobre a (in)criminação da intolerância religiosa no Rio de Janeiro. Anuário Antropológico, p. 125 – 152, 2009 – 2, 2010.

ORTIZ, R. **A morte branca do feiticeiro negro:** umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Brasiliense, 2011.

PEREIRA, C. C. **Os ciganos ainda estão na estrada.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

PINTO, P. G. H. R. **Ritual, etnicidade e identidade religiosa nas comunidades mulçumanas no Brasil.** Revista USP, São Paulo n. 67, p 228-250, set./nov. 2005.

SANTOS, Jocélio Teles dos. **O dono da terra.** O caboclo nos candomblés da Bahia. Salvador: Sarah Letras, 1986.

TURNER, V. **Floresta de símbolos.** Niterói: EdUFF, 2007.

VAN DE PORT, M. **Candomblé em rosa, verde e preto:** recriando a herança religiosa afro-brasileira na esfera pública de Salvador, na Bahia. Debates do NER, Porto Alegre, ano 13, n. 22, p. 123-164, jul/dez, 2012.

VERGER, Pierre. **Orixás, deuses lorubás na África e no novo mundo.** Salvador: Corrupio, 1981.